

As leis, a educação e a morte - uma proposta pedagógica de tanatologia no Brasil

Profa. Dra. Dora Incontri¹
Prof. Dr. Franklin Santana Santos²

Resumo: Concebendo-se e justificando-se a necessidade de introduzir a questão da morte na Educação, do ensino fundamental à Universidade, analisamos aqui a possível abertura que as leis brasileiras nos dão para essa proposta. Na medida em que a morte, embora tenha dimensões sociais e políticas, coletivas e históricas, tem também dimensões existenciais, subjetivas e espirituais, sua temática parece transcender os objetivos da educação pública proposta pelo Estado, que se limitam ao exercício da cidadania. Por outro lado, como esse exercício pressupõe, como se explicita nos Temas Transversais, também valores éticos, auto-conhecimento e auto-cuidado, pode-se encontrar aí a procurada abertura para a temática na escola. Na universidade, sobretudo na área de saúde, o tema deve necessariamente fazer parte do currículo, mas pela resistência positivista à inserção de saberes que transcendam o tecnicismo, isso ainda não é feito.

Palavras Chave: Educação, Leis, Tanatologia, LDB, Parâmetros e Diretrizes Curriculares.

Abstract: Conceiving and justifying the need of introducing the issue of death in Education, from the basic level to the University, we analyze here the possible opening that the Brazilian laws give us for this proposal. Since death, although has social and political, as well as collective and historical dimensions, it also has existential, subjective and spiritual dimensions, and therefore its thematic seems to transcend the goals of public education proposed by the State, which are constrained to the exercise of citizenship. On the other hand, as this exercise implies, and as shown in Transversal Themes, also in the ethical values, in self-knowledge and self-care, one can find the desired opening for this theme in school. In the university, and especially in the area of health, this thematic should be part of the curriculum, but due to the positivistic resistance to the insertion of knowledge which transcend the technicalities, this is not done yet.

Keywords: Education, Laws Thanatology, Brazilian Law for Guidelines on Education.

Introdução

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), além de garantir por direito o acesso de todos à educação, explicita logo no seu artigo n. 2 que “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”. Todo o espírito da legislação segue na mesma direção, visando à formação do cidadão e de sua inserção no mercado de trabalho. A meta da educação pública proposta pelo Estado e da educação privada regulada pelo Estado focaliza-se assim nas dimensões social, política e profissional do indivíduo.³

Comenius, um dos idealizadores da escola moderna, e que foi um dos primeiros a reivindicar a sua democratização como direito universal, também

¹. Jornalista, mestre, doutora e pós-doutora em Filosofia da Educação pela USP. Docente da pós-graduação da Unisantia (Universidade Santa Cecília).

². Doutor em Medicina pela USP, pós-doutor em Psicogeriatría pelo Instituto Karolinska (Suécia), docente da Disciplina de Tanatologia, Educação para a Morte da pós-graduação da FMUSP.

³ Recomendamos ao leitor o artigo CARVALHO, José Sérgio F. *Direitos Humanos, formação escolar e esfera pública*. 2008, que trata da tensão que se esboça na educação brasileira e mundial entre uma proposta de educação pública, que inclua virtudes sociais como solidariedade, equidade e tolerância e a tendência mercadológica de atribuir à educação apenas um valor econômico. Diz o autor que “à medida que se passa a conceber o “valor” e a “qualidade” da educação escolar a partir de seus alegados impactos econômicos na vida privada do indivíduo, perde-se seu sentido ético e político.” Se consideramos aqui reducionista a visão da cidadania, muito pior o vazio da visão mercadológica, que não pressupõe nenhuma ética, mas apenas o interesse individual e diante da qual esvaem-se quaisquer possibilidades de reflexões existenciais e espirituais, porque a tônica geral é apenas a do consumo hedonista.

considerava a participação política, social e a profissionalização do educando, como partes essenciais do processo de escolarização, que devia “iluminar todos os homens com a verdadeira sabedoria, para ordenarem suas vidas com verdadeiros governos” (COMENIUS, 1965:16). Mais ainda, a educação deveria se preocupar em nos formar “para que estejamos no mundo, não somente como espectadores, mas também como atores.” (COMENIUS, 1966:40).

Entretanto, como todos os clássicos da Educação, desde Sócrates e Platão e estendendo-se a Rousseau e Pestalozzi, Comenius alargava as dimensões que deveriam ser atingidas pelo processo pedagógico, assentando sua meta central, num conceito que talvez hoje considerássemos muito subjetivo: a felicidade. A educação deveria nos preparar “para lidar com as coisas, com os homens e com Deus, em todos os sentidos, racionalmente e não precipitadamente e assim nunca se afastando da meta da felicidade.” (COMENIUS, 1965:16) Inclui-se aí uma idéia ausente de qualquer programa político-pedagógico inspirado na legislação atual, que é o da felicidade individual – que não é dada apenas pelo exercício consciente da cidadania, mas está ligada a uma noção de transcendência e está radicada igualmente nas emoções humanas.

Já comentamos alhures (ver INCONTRI & BIGHETO, 2010a) que a partir do processo histórico de laicização do Estado, não foram somente as religiões como doutrinas dogmáticas e institucionalizadas a serem exiladas da escola, mas toda e qualquer abordagem da dimensão espiritual do ser humano, que está além das religiões específicas. Ao lado da espiritualidade, ficam de fora os questionamentos existenciais, a subjetividade, as discussões sobre vida e morte, sentido e transcendência.⁴

Este mesmo Comenius, em sua obra genial *O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração*, grande metáfora sobre a sociedade humana, retrata o peregrino, seu personagem, andando no meio dos homens, e como esses fugiam da morte:

“...vi como a Morte andava no meio de todos eles, munida de uma gadanha afiada, arco e flechas, e em voz alta a todos lembrava que eram mortais. Ninguém, porém, prestava-lhe atenção, e todos continuavam a praticar suas tolices e dedicar-se às paixões. (COMENIUS, 2010: 32)

E ainda Comenius (1965), definindo aquele conceito de felicidade incluindo vida e morte: “Nascer bem, viver bem e morrer bem são os três pontos principais da felicidade humana. Mas de tal modo que do primeiro depende o segundo, e do segundo, o terceiro”, prevê a necessidade de se considerar esse tema na educação.

De fato, a morte é o tema dos temas, pois nos coloca diante de nós mesmos de maneira radical. A sua problemática se relaciona com a própria vida, pois faz parte dela. Remete-nos às questões últimas: quem somos, de onde viemos, para que existimos, pra onde vamos... Sejam quais a forem as repostas que dermos a essas indagações, é a morte que no-las impõe, mesmo a contragosto. Por isso também, é que a evitamos.

A dificuldade da humanidade em lidar com a morte é coisa antiga (SANTOS, 2008), entretanto esse processo de negação se intensificou no final do século XIX e início do século XX, quando a morte passou por um processo de medicalização, transferida do seu *habitat* natural, a residência do moribundo, para os hospitais, e foi

⁴ Mesmo nas diretrizes curriculares do ensino de Filosofia, que se tornou obrigatório no Ensino Médio, nenhuma vez aparece a palavra morte. E entre todos os materiais didáticos disponíveis no mercado, o único que trata da questão, na perspectiva de vários filósofos e com discussões interdisciplinares, é o nosso: INCONTRI, Dora & BIGHETO, Alessandro. *Filosofia: Construindo o Pensar*. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

alijada do convívio da sociedade, e considerada suja e interdita conforme nos mostra o historiador francês Phillipe Ariès em seus livros *O Homem Perante a Morte* (2000) e *A História da Morte no Ocidente* (2003).

Ao contrário de muitos outros problemas e desafios com que temos nos defrontado ao longo do nosso desenvolvimento e adaptação à vida no planeta, seja individual ou coletiva, a morte parece nos paralisar. Diante dela, adotamos uma tática de enfrentamento não-racional e não-científica, optamos pelo caminho da emoção, mais especificamente do medo e da angústia. A morte nos coloca diante de um grande enigma, de difícil solução, talvez o mais desafiador de todos os tempos e de que nenhuma geração conseguiu, até agora, dar conta.

Esse despreparo, dificuldade e medo em lidar com a morte têm se infiltrado e dominado o imaginário individual e coletivo. Vemos que, dessa forma, a morte se tornou um assunto interdito em todos os níveis educacionais (SANTOS, 2008, 2009, 2010), dificultando inclusive um projeto de educação para a vida, pois a morte é contingência do viver.

Apenas para citar uma consequência prática desse exílio da morte da pauta da educação e do debate social, os doentes portadores de enfermidades incuráveis e fatais, são tantas vezes descuidados e não convenientemente assistidos, uma vez que eles nos fazem lembrar da sombra morte, bem como da nossa própria finitude.

É fundamental, pois, discutirmos as possibilidades de mudança desse cenário, através das leis já vigentes, mas que muito freqüentemente não são implementadas, bem como de novas estratégias e propostas para alavancar a educação para a vida e para a morte não só para a sociedade brasileira, como para toda a humanidade.

Abertura nos temas transversais no ensino fundamental e médio

Apesar do direcionamento predominante da LDB para a formação do cidadão e do profissional, não se atingindo a idéia de integralidade do ser humano e a abrangência de formação espiritual, emocional e existencial, há respiros na lei, que permitem uma interpretação mais ampla, tais como a “valorização da experiência extra-escolar” (art. 3), “a formação de atitudes e valores” (art. 32 - caput II) e “o aprimoramento do educando como pessoa humana” (art. 35 - caput III).

Pode-se alegar que as dimensões mais profundas do ser humano não estejam relacionadas a atribuições do Estado, que deve garantir aquilo que é da esfera pública e não pode regular aquilo que diz respeito à intimidade do ser e sua subjetividade. Entretanto, na medida em que a Educação, seja pública ou privada, obrigatoriamente lida com valores e os pressupõe e os recomenda como parte integrante da formação, não é possível ignorar que eles se arraigam na consciência do indivíduo, apesar de seu caráter também social.

Nesse sentido, ainda maior abertura encontramos nos Parâmetros curriculares nacionais (do Ensino Fundamental e Médio), em que a preocupação com valores humanos, que transcendem o ensino tecnicista e conteudístico da escola, pode ensejar a inserção de temáticas mais existenciais. Por exemplo, um dos objetivos apresentados como centrais nos Parâmetros é o de “desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social.” (PCN, 1998:7)

Mais do que isso, os Parâmetros trabalham com a transversalidade e a interdisciplinaridade, longe da idéia de que os temas neles elegidos como necessários à Educação escolar, sejam objeto de disciplinas estanques, mas ao invés penetrem tematicamente a aprendizagem como um todo. No caso dos PCN, foram determinados

como temas transversais: Ética, Saúde, Meio-ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural e Trabalho e Consumo. A morte poderia ser outro tema transversal ou um tema presente nesses acima citados, pois cabe muito bem em reflexões éticas, da saúde, do meio ambiente e pode ser vista de diversas perspectivas culturais, sociais, filosóficas e religiosas, reafirmando o pluralismo.

A proposta dos PCN, abaixo definida, cai como uma luva para o tema da morte:

Na prática pedagógica, interdisciplinaridade e transversalidade alimentam-se mutuamente, pois o tratamento das questões trazidas pelos Temas Transversais expõe as inter-relações entre os objetos de conhecimento, de forma que não é possível fazer um trabalho pautado na transversalidade tomando-se uma perspectiva disciplinar rígida. A transversalidade promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, **bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. (Grifo nosso)** Por essa mesma via, a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extra-escolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos. (PCN, 1998:30).

Confirma-se a assertiva que fizemos acima de que quando avançamos na inclusão de valores e temas existenciais na Educação (sem os quais, diga-se de passagem, não há educação, mas apenas treinamento ou instrução), é impossível não enveredar pelo caminho da emoção, ancorando no sujeito um conhecimento que transcende o meramente cognitivo. A morte é um desses temas que só podemos tratar dessa maneira.⁵

Apesar das aberturas na LDB e nos PCN, nada disso é praticado e a morte, que nem é mencionada, é um tema completamente ausente da escola. Nem mesmo aquilo que constitui o cerne dos Temas Transversais, depois de mais de 10 anos de aparecerem nas diretrizes do governo, faz parte efetiva e maciça dos projetos escolares. (Ver a análise feita por CARVALHO, 2008). Devemos atribuir isso àquele nosso velho dualismo brasileiro de que lei e execução da lei andam sempre distantes em nossos horizontes históricos?

A Morte no Ensino Universitário – Área da Saúde

Essa ausência da morte nos ensinamentos fundamentais e médio terá mais forte conseqüência à frente. Se o temor à morte tomou conta de todos os setores das atividades humanas, sobretudo as educacionais, isso é mais notório na área da saúde, a despeito da morte fazer parte do dia a dia do trabalho desses profissionais.

Ao analisarmos as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação das profissões da área da saúde ou que lhe são afins como: Enfermagem (CES03, 2001) Psicologia (CES1314, 2001) Nutrição (ces1133, 2001), Farmácia e Odontologia (CES1300, 2001), Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia ocupacional (pces1210,

⁵ Marian de Souza, da Universidade Católica da Austrália, ressalta o caráter intuitivo e afetivo de toda e qualquer aprendizagem. No caso, ela está fazendo um estudo sobre a inserção da espiritualidade na Educação. Ver SOUZA, Marian de. Engajando a mente, o coração e a alma do aluno de educação religiosa: ensinando para o significado e a conexão. In INCONTRI, 2010.

2001), e ainda Serviço Social (CES0492, 2001), observamos que os temas da morte e do morrer não são contemplados como requisitos para a educação desses profissionais.

A formação do enfermeiro, por exemplo, tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais: atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança, administração e gerenciamento, educação permanente. Nas competências e habilidades específicas, a temática da morte também não está explicitada em nenhum dos 33 itens do 5º artigo, que trata dessa questão.

Quando procuramos analisar os códigos de ética dessas profissões, igualmente não encontramos qualquer menção aos deveres éticos de cuidados que deveriam ser oferecidos aos moribundos e seus familiares.

As repercussões dessa ausência da temática do processo de morrer e da morte na formação desses profissionais podem ser vistas nos trabalhos que vêm sendo publicados nos últimos anos (PINHO & BARBOSA, 2008; TAKAHASHI CB e cols, 2008, LIMA & BUYS, 2008) e que explicitam as conseqüências negativas que aparecem nesses profissionais tais como sofrimento psíquico, depressão, stress, angústia, síndrome de *burnout*, entre outros.

Já na área específica da Medicina, existe um outro cenário. A Medicina é uma profissão que lida com seres humanos, e necessita para isso de instrumentos objetivos, analíticos, empíricos e observáveis, o que lhe constitui a parte de ciência e trabalha também com competências, mas igualmente tem um estado de arte que avalia as questões da subjetividade do ser humano, seu psiquismo, suas esferas sociais e espirituais, e, para isso trabalha com habilidades e atitudes.

O primeiro contato com os pacientes, a doença e a morte são situações que, classicamente, despertam ansiedade e emoções nos futuros médicos. Esbarrar com a finitude, de uma forma tão direta e freqüente, talvez represente uma das tarefas afetivas mais relevantes para o sujeito que se prepara para exercer a Medicina (FERNANDES, 2004).

Entretanto, o modelo flexneriano, leia-se tecnicista e positivista, e que é adotado na maioria das faculdades médicas, não atende às demandas que a temática da morte e do morrer levantam, especialmente aquelas relacionadas com as emoções, a afetividade, com as questões existenciais-espirituais, bem como as do sentido da vida e, portanto, da morte e do morrer.⁶

Esse mesmo modelo, também, será responsável pelo desenvolvimento de uma atitude de onipotência que os médicos atualmente demonstram no contato com seus pacientes. Com o avanço crescente das tecnologias e conhecimentos médicos, existe o mito de que a Medicina um dia encontrará a cura a para a morte. Na verdade, isso configura a tentativa de materialização da histórica mitologia da própria origem da profissão na Grécia antiga. Asclépio, deus da Medicina, foi além da arte de curar e começou a ressuscitar os mortos. Hades, vendo seu reino despovoado, queixou-se a Zeus, e o pai dos deuses, senhor absoluto do Olímpio, fulminou Asclépio com um raio.

Mas, ao contrário das outras profissões da área da saúde, a Medicina traz nas suas Diretrizes Curriculares normas explícitas para a formação de competências e habilidades no que se refere à morte.

Nas Diretrizes Curriculares do curso de graduação em Medicina (CES04, 2001), mais especificamente o artigo 5º e o item XIII, está escrito que todos os

⁶ A respeito do modelo flexneriano, ver nosso artigo SANTOS, Franklin S. & INCONTRI, Dora. Abordando a Espiritualidade na prática clínica: rumo a uma mudança de paradigma. In SANTOS, Franklin S. *A Arte de Cuidar- Saúde, Espiritualidade e Educação*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

médicos devem atuar na proteção e na promoção da saúde e na prevenção de doenças, bem como no tratamento e reabilitação dos problemas de saúde e acompanhamento do processo de morte.

Igualmente o artigo 6º, no item VI (CES04, 2001) que aborda os conteúdos dos cursos de graduação em Medicina, refere que esses conteúdos devem contemplar a promoção da saúde e compreensão dos processos fisiológicos dos seres humanos – gestação, nascimento, crescimento e desenvolvimento, envelhecimento e do processo de morte, atividades físicas, desportivas e as relacionadas ao meio social e ambiental.

Recentemente, o Código de Ética médica foi revisto e ampliado com o objetivo, entre outros, de contemplar os dilemas que muito médicos enfrentam no contato com pacientes portadores de doenças crônicas, incuráveis e que levarão à morte. Diante dessa realidade, o Conselho Federal de Medicina elaborou normas que respaldam os médicos de todo o país de não utilizarem procedimentos considerados fúteis como visto no capítulo I, dos princípios fundamentais, artigo XXII (CFM, 2009) que diz que nas situações clínicas irreversíveis e terminais, o médico evitará a realização de procedimentos diagnósticos e terapêuticos desnecessários e propiciará aos pacientes sob sua atenção, todos os cuidados paliativos apropriados.

Igualmente no capítulo V, que trata da relação com pacientes e familiares, no artigo 41, em seu parágrafo único (CFM, 2009), o Código de Ética normatiza que, nos casos de doença incurável e terminal, deve o médico oferecer todos os cuidados paliativos disponíveis, sem empreender ações diagnósticas ou terapêuticas inúteis ou obstinadas, levando sempre em consideração a vontade expressa do paciente ou, na sua impossibilidade, a de seu representante legal.

Se observarmos apenas as leis, poderíamos afirmar que aparentemente a Medicina de hoje lida muito bem com as questões da morte e do morrer, entretanto, na prática, essas leis não conseguiram uma melhora sistemática, tanto do ensino, como da assistência no que se refere às questões da morte e do morrer. (SANTOS, 2008; SANTOS, 2009a; SANTOS, 2009b; SANTOS, 2010a; SANTOS, 2010b)

Por que, então, não se dá uma mudança na prática, a despeito das leis existentes? Várias podem ser as razões, inclusive histórico-culturais, como as que mencionamos acima, mas a principal reside no problema da educação e na formação tanto dos docentes como dos discentes e mais ainda na mentalidade geral da sociedade, que se manifesta em todos os graus de escolaridade: o do evitar-se falar da morte.

No caso da Medicina, diferentemente de outras áreas, especialmente humanas, a graduação e a especialização do médico, não têm como objetivo a formação de um professor. Na maioria das vezes, o professor de Medicina é contratado tendo-se como critério apenas a qualidade do seu desempenho como profissional ou pesquisador. Fica implícito que a competência profissional ou acadêmica assegura a competência didática. Não se exige formação sistematizada que instrumentalize sua maneira de conceber o processo ensino-aprendizagem.

Dessa forma, a morte não entra, primeiro, na própria formação do docente de Medicina. Uma vez não sensibilizado, nem durante seu curso de graduação, bem como no preparo para a docência (VIANNA & PICCELLI, 1998; NADER G e cols, 2009; FALCÃO & MENDONÇA, 2009, DICKINSON GF, 2006), pois que o assunto nunca foi abordado de forma sistematizada, e, segundo, nem na sua formação básica, porque a morte está ausente da escola fundamental e média, o que vemos é o médico nas mesmas condições do resto da população, numa sociedade que trata a morte como tabu. Assim, os médicos, a despeito das leis e diretrizes, não conseguem, igualmente, lidar com naturalidade com esse assunto, pois não foram sensibilizados, nem treinados na problemática, resultando disso desinformação, preconceito, medos, dificuldades e

sofrimento tanto para o profissional, como para o estudante e ainda para o paciente e seus familiares (QUINTANA e cols, 2008; QUINTANA e cols, 2006; QUINTANA AM, CECIM OS, HENN CG, 2002).

Nossa proposta⁷

O termo educação para a morte, e, portanto, para a vida, refere-se a uma variedade de atividades educacionais e experiências relacionadas à morte e abrange temas fundamentais, como os significados e atitudes em relação à morte, aprendizado sobre emoções e sentimentos, questões existenciais e espirituais, os processos de morte e luto, e cuidados para as pessoas afetadas pela morte. A educação para a morte é baseada na crença de que as atitudes e práticas de negar, desafiar, e evitar a morte, vistas na cultura brasileira, podem ser transformadas, e assume que os indivíduos e instituições serão mais capazes de lidar com as práticas relacionados com a morte como resultado de esforços educacionais.

Não há uma fórmula de como lidar com situações de morte. O importante é que as pessoas estejam preparadas emocionalmente para isso, visto que a morte pode ocorrer a qualquer momento em nossas vidas.

Diante desse grande desafio a que a morte nos convida, optamos por criar uma proposta educacional para a vida e para a morte a partir dos construtos teóricos e práticos de uma certa linha de pensadores. Todos eles filósofos-educadores, como Platão, Comenius, Rousseau, Pestalozzi, que apresentam em comum, a despeito da distância no espaço-tempo, uma identidade ideológica que consiste em ver o ser humano como um ser dotado de espírito, naturalmente bom, em um processo contínuo educacional e de aprendizado, possuidor de uma consciência ética e destinado à transcendência e à felicidade.

Nesse sentido, podemos considerar alguns aspectos dessa educação, inspirados nas propostas dos clássicos:

- É preciso priorizar a formação integral do ser humano em qualquer etapa do processo pedagógico, considerando também a velhice como um estágio educativo do ser;

- Essa formação integral passa por todas as disciplinas, por todos os sentidos e por todas as formas de pensar o mundo – por isso deve ser *interdisciplinar*, *multissensorial*, *afetiva* e *plural*. Por interdisciplinar, entendemos que deve integrar as mais diversas áreas do conhecimento num todo orgânico e significativo; por multissensorial, entendemos que devemos trabalhar idéias e conceitos através de estímulos táteis, sensíveis, que mexam com todos os sentidos; por afetiva, entendemos que toda a educação deve necessariamente e em primeiro lugar, passar pela emoção e por fim, plural, porque devemos tratar de todos os temas, sob as mais diferentes perspectivas e não nos fecharmos e doutrinar-mos numa visão única;

- É preciso deixar uma abertura para o espiritual, pois o ser humano tem essencial e universalmente uma espiritualidade a ser tocada, mas essa abertura deve ser inter-religiosa, para propiciar a liberdade de crença, o convívio fraterno das diferentes vertentes e a empatia com o outro.

A educação para a morte passa por algumas mudanças no próprio paradigma da educação. Começamos por encarar a transformação por que deve passar o próprio educador, que para educar precisa educar-se. Somente através do processo de auto-

⁷ Nossa proposta completa pode ser lida no capítulo SANTOS, Franklin S. & INCONTRI, Dora. Educação para a Vida e para a Morte do Ensino Fundamental à Universidade. In SANTOS, Franklin S. *A Arte de Morrer – Visões Plurais*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

conhecimento (como queria Rousseau), no parto maiuêutico socrático, conseguiremos de fato nos educarmos para a morte. Uma vez nesse caminho teremos possibilidade de criarmos as condições de ensino na área de Tanatologia.

Formado ou preparado o educador, precisaremos estabelecer os critérios mínimos para se implantar um projeto de Tanatologia na Universidade. Entendemos que para o ensino da Tanatologia precisamos de um núcleo central que contemple as bases dessa ciência. Esse núcleo central servirá para qualquer profissão.

Em nossa perspectiva, a proposta que melhor atende a esse intuito é fazer um projeto plural, interdisciplinar e transversal e que possa contemplar desde o calouro ao futuro egresso. Ou seja, que o aluno vá se familiarizando e se aprofundando com o tema e com sua própria finitude ao longo do curso. Que tenha a oportunidade de se confrontar com os vários aspectos da morte e do processo do morrer durante sua trajetória acadêmica.

Nesse convívio com o tema, achamos imprescindível que o aluno desenvolva habilidades e atitudes, tanto racionais e intelectuais, bem como emocionais e afetivas. E que haja uma ligeira predominância das questões ligadas à afetividade, que é onde se encontram as maiores resistências, mas igualmente as maiores possibilidades de um real processo educativo.

Para viabilizarmos a inserção da Tanatologia no mundo acadêmico, também consideramos essencial:

- Investir maciçamente em projetos de pesquisa que envolvam o processo da morte e do morrer, incluindo a possibilidade de se verificar a sobrevivência pós morte;
- Investir em projetos educacionais que abordem a morte do ensino fundamental à universidade, abrangendo também a sociedade;
- Investir em projetos de pesquisa e ensino que nos ensinem a lidar com nossos sentimentos diante da finitude.

Referências

- ARIÈS, P. *A História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ARIÈS, P. *O Homem perante a Morte I e II*. Lisboa: Publicações Europa-America, 2000.
- CARVALHO, José Sérgio F. *Direitos Humanos, formação escolar e esfera pública*. 2008. www.dhnet.org.br/direitos/militantes/josesergio/textos.htm (acesso em 05/01/2001)
- COMENIO, João Amós. *Didactica magna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- COMENIUS, Jan Amos. *O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.
- COMENIUS, Johann Amos. *Pampaedia*. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1965.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. *Código de Ética Médica*. Resolução CFM n. 1931, de 17 setembro de 2009. Disponível em http://www.cremesp.org.br/library/modulos/legislacao/versao_impressao.php?id=8822
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem*. 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>
- _____. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Psicologia*. 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1314.pdf>
- _____. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição*. 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ces1133.pdf>
- _____. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia e Odontologia*. 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1300.pdf>

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional*. 2001. Disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces1210_01.pdf

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Serviço Social*. 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina*. 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES04.pdf>

DICKINSON, GF-Teaching End-of-Life Issues in US Medical Schools: 1975 to 2005. *Am J Hosp Palliat Care*, 2006; 23:197-204

FALCÃO EBM; MENDONÇA SB. Formação médica, ciência e atendimento ao paciente que morre: uma herança em questão. In *Revista Brasileira de Educação Médica*. 33 (3) : 364 – 373; 2009.

FERNANDES F. Dissertação de mestrado. *O Lidar com a Morte e a Educação Médica*. 2004. Disponível em <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1164/1/tese.pdf>

QUINTANA AM; CECIM OS; HENN CG.O Preparo para Lidar com a Morte na Formação do Profissional de Medicina. In *Revista Brasileira de Educação Médica*. 204-210 Rio de Janeiro, v.26, nº 3, set./dez. 2002

INCONTRI, Dora. (org.) *Educação e Espiritualidade, interfaces e perspectivas*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

INCONTRI, Dora & BIGHETO, Alessandro. *Filosofia, construindo o pensar*. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

INCONTRI, Dora & BIGHETO, Alessandro. Educação e Espiritualidade, como, quando e por quê? In INCONTRI, Dora. (org.) *Educação e Espiritualidade, interfaces e perspectivas*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010a.

LIMA, VR; BUYS R. Educação para a morte na formação de profissionais de Saúde. In *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 60, n. 3, 2008. 52-63

NADER G; NADER S; ANDREA FILHO, A e cols. O estudante de Medicina e o médico recém-formado frente à morte e ao morrer. In *Revista Brasileira de Educação Médica*. 33 (3) : 416 – 427; 2009 405-416

Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998.

PINHO, LMO;BARBOSA MA. A morte e o morrer no cotidiano de docentes de enfermagem. In *Revista de Enfermagem*. UERJ, Rio de Janeiro, 2008 abr/jun; 16(2):243-8.

QUINTANA AM, KEGLER P; SANTOS MS e cols . Sentimentos e percepções da equipe de saúde frente ao paciente terminal. In *Paidéia*, 2006, 16(35), 415-425

QUINTANA AM; RODRIGUES AT; ARPINI DM e cols. A angústia na formação do estudante de Medicina. In *Revista Brasileira de Educação Médica*. Rio de Janeiro, 32 (1) : 6 – 14; 2008

SOUZA, Marian de. Engajando a mente, o coração e a alma do aluno de educação religiosa: ensinando para o significado e a conexão. In INCONTRI, Dora. (org.) *Educação e Espiritualidade, interfaces e perspectivas*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

SANTOS, Franklin S. (org.) *A Arte de Morrer-Visões Plurais*.Vol 2. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2009a.

SANTOS, Franklin S. (org.) *Cuidados Paliativos-Discutindo a Vida, a Morte e o Morrer*. Rio de Janeiro: Editora Atheneu. 2009b.

SANTOS, Franklin S. (org.) *A Arte de Cuidar- Saúde, Espiritualidade e Educação*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

SANTOS, Franklin S. (org.) *Cuidados Paliativos-Diretrizes, Humanização e Alívio de Sintomas*. Rio de Janeiro: Editora Atheneu.2010b.

SANTOS, Franklin S. & INCONTRI Dora (org.) *A Arte de Morrer-Visões Plurais*.Vol 1. Bragança Paulista: Editora Comenius. 2008

SANTOS, Franklin S. & INCONTRI, Dora. Abordando a Espiritualidade na prática clínica: rumo a uma mudança de paradigma. In SANTOS, Franklin S. *A Arte de Cuidar- Saúde, Espiritualidade e Educação*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

SANTOS, Franklin S. & INCONTRI, Dora. Educação para a Vida e para a Morte do Ensino Fundamental à Universidade. In SANTOS, Franklin S. *A Arte de Morrer – Visões Plurais*. Vol. 3. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

SANTOS, Franklin S. (org.) *A Arte de Morrer-Visões Plurais*. Vol 3. Bragança Paulista: Editora Comenius. 2010a.

TAKAHASHI CB, CONTRIN LM; BECCARIA LM, e cols. Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem. In *Arquivos de Ciências da Saúde* 2008 jul-set;15(3):132-8

VIANNA A; PICCELLI H. O estudante, o médico e o professor de medicina perante a morte e o paciente terminal. In *Revista da Associação Médica Brasileira*, 1998; 44(1): 21-7

Recebido para publicação em 07-01-11; aceito em 15-01-11